

APRESENTAÇÃO

ROUSSEAU: DA NATUREZA À ARTIFICIALIDADE?

Antônio Carlos dos Santos (UFS)

Após a publicação do *Discurso sobre as ciências e as artes*, sobretudo, Rousseau passou a ser conhecido como o filósofo defensor incontestado da natureza e opositor ferrenho da ciência, em pleno Século das Luzes, em que havia uma crença quase cega no progresso. Esta leitura não deixa de ser verdadeira, mas esquece de outra perspectiva, extremamente importante para a compreensão do pensamento de Rousseau, que normalmente é negligenciada por muitos de seus comentadores: a sua valorização das ciências e das artes no conjunto da cultura civilizacional de seu século. Rousseau interroga a cultura moderna sobre a relação entre desenvolvimento científico e progresso moral no interior do espírito moderno. Desde cedo, percebeu que a modernidade, ainda nascente, trazia gêmeos do mesmo parto: a comodidade do mundo artificial e a servidão humana. Isto significa dizer que o desenvolvimento das ciências e das artes sempre foi acompanhado de uma crescente e constante depravação do homem.

Mas a tradição dos estudos rousseauianos parece que deu maior valor ao “Rousseau romântico” em detrimento de um “Rousseau técnico”, não obstante desde os anos 70, Victor Goldschmidt, no seu clássico *Anthropologie e politique*, já chamava a atenção do leitor dos estudos de Rousseau sobre a técnica¹.

No *Discurso sobre as ciências e as artes*, afirma Rousseau:

Antes que a arte polisse nossas maneiras e ensinasse nossas paixões a falarem a linguagem apurada, nossos costumes eram rústicos mas naturais, e a diferença dos procedimentos denunciava, à primeira vista, a dos caracteres. No fundo, a natureza humana não era melhor, mas os homens encontravam sua segurança

¹ DENEYS-TUNNEY, A. Un autre Jean-Jacques Rousseau. Paris: PUF, 2010.

na facilidade para se penetrarem reciprocamente, e essa vantagem, de cujo valor não temos mais noção, poupava-lhes muitos vícios².

Para Rousseau, a vida simples conserva os valores morais e a social carrega o luxo, afastando a virtude. Aqui, podemos perceber no nascedouro do pensamento de Rousseau um de seus múltiplos paradoxos: a relação entre a sociabilidade primitiva, sempre favorável à manutenção do estado de natureza, e a intervenção das artes que introduz a corrupção por meio da ociosidade e da vaidade.

Se é verdade que entre essa obra inicial, que o próprio Rousseau vai criticar nas *Confissões*, e a última, os *Devaneios de um caminhante solitário*, obra inacabada e publicada postumamente em 1782, a aporia persistirá: por um lado temos a vida simples e natural próxima da natureza e por outro a vida corrupta e viciosa da vida social, marcada pelo desenvolvimento das ciências e das artes. No entanto, a questão principal, ao nosso ver, não é o desenvolvimento das ciências e das artes em si, que Rousseau critica tanto, mas sim sua estreita vinculação com os vícios. Talvez, por esta razão, Rousseau tenha registrado textualmente que em todos os seus escritos tenha seguido sempre a mesma tese. Por esta razão, diz ele na *Carta a Beaumont*: “Eu escrevi sobre diversos temas mas sempre com os mesmos princípios”³. Ora, como conciliar este amor à natureza e a repulsa aos homens? Os homens não fazem parte da natureza? Isso seria possível? Ao que parece, desde a primeira obra à última, este tem sido o grande dilema de Rousseau. Resume ele no final da Sexta caminhada dos *Devaneios*, uma espécie de balanço de seu incômodo da vida em sociedade:

O resultado que posso extrair de todas essas reflexões é que não fui realmente feito para a sociedade civil onde tudo é opressão, obrigação, dever, e que meu natural independente me tornou sempre incapaz das sujeições necessárias a quem quiser viver com os homens. Enquanto ajo livremente sou bom e somente faço o bem; mas, logo que sinto o jugo, seja da fatalidade, seja dos homens, torno-me rebelde, ou melhor, insubmisso⁴.

Não podemos nos esquecer de que, quando Rousseau escreve esta obra, sente o peso da idade: é sexagenário, está só e vive muito modestamente no campo. Mas não é isso que mais o atormenta, mas sim sua síndrome de perseguição que, de fato, há desde a publicação de

2 ROUSSEAU, Primeiro Discurso, p. 336.

3 ROUSSEAU, OC, IV, 928.

4 ROUSSEAU, *Devaneios*, 6ª. Caminhada, p. 88.

o *Emílio* e do *Contrato*. Como sabemos, em 9 de junho de 1762, o Parlamento de Paris condena o *Emílio* e o autor é obrigado a fugir da cidade no mesmo dia; dois dias após, a obra é queimada em Paris e, alguns dias depois, as duas obras são queimadas em Genebra; no mês seguinte, em julho, Rousseau é considerado *Persona non grata* em Berna e, ainda neste mesmo ano, a Sorbonne condena oficialmente o *Emílio*. A polêmica continua até o ano de 1776, período este que redige os *Devaneios*, em que sente mais vivamente a perseguição à sua obra com maior intensidade. Por esta razão fugir desse ambiente de opressão a fim de buscar a paz necessária era um caso de vida ou morte. Nos *Devaneios*, Rousseau registra:

Disposições bem diferentes fizeram, para mim, deste estudo, uma espécie de paixão que preenche o vazio de todas aquelas que não tenho mais. Galgo os rochedos, as montanhas, mergulho nos vales, nos bosques, para me furtar, tanto quanto possível, à lembrança dos homens e aos ataques dos maus⁵.

Se os homens só trazem contrariedade e mal-estar, só lhe resta buscar a natureza simples e pura para se fortalecer. Ou seja, para Rousseau, o mundo artificial em si não é ruim, mas a instrumentalização do saber para alimentar a vaidade social é questão central em sua recusa à vida em sociedade. Não é a ciência que é má, mas a corrupção da paixão humana que a transfigura.

Talvez a resposta para esse paradoxo de Rousseau, Natureza de um lado, e técnica do outro, esteja no *Segundo Discurso*, precisamente no conceito de perfectibilidade. Como diz o próprio Rousseau nessa obra, o ser humano em estado primitivo possui duas faculdades que o distingue dos animais. Uma é o livre arbítrio e a outra é a perfectibilidade. Para o genebrino, a perfectibilidade

é a faculdade de aperfeiçoar-se, faculdade que, com o auxílio das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e se encontra, entre nós, tanto na espécie quanto no indivíduo; o animal, pelo contrário, ao fim de alguns meses, é o que será por toda a vida, e sua espécie, no fim de milhares de anos, o que era no primeiro ano desses milhares. Por que só o homem é suscetível de tornar-se imbecil?⁶

Aqui, como sabemos, Rousseau está interessado em distinguir o homem do animal e entender a singularidade humana. Ora, qual seria então nossa natureza originária? A

5 ROUSSEAU, *Devaneios*, 7ª. Caminhada, p.99.

6 ROUSSEAU, *Segundo Discurso*, 243.

capacidade de se aperfeiçoar traz o melhor e o pior do homem à medida que a sofisticação da civilização empurra o homem natural à beira do abismo.

Entre a natureza e o mundo artificial: eis um dos paradoxos de Rousseau, como se o homem fosse condenado eternamente a viver neste dilema. Vícios e virtudes parecem ser faces da mesma moeda e, por esta razão, não adiantaria muito querer separá-las. Afinal onde começaria um e terminaria o outro?

Foi pensando em questões como essa, que integra a reflexão filosófica com os temas candentes, que em junho de 2011 foi realizado na Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju, o V Colóquio Nacional Rousseau, com o tema “Natureza e Sociedade”, cujo número especial o leitor tem em mãos é seu fruto material.

Rousseau foi, sobretudo, um autor preocupado com as questões de sua época e com os caminhos para a formação de uma sociedade de homens livres sob um Estado republicano. Por isso, o Colóquio teve o objetivo de: 1) Reunir professores de filosofia, pesquisadores e estudantes para debater o pensamento de Jean-Jacques Rousseau na interface com os temas clássicos e atuais de Filosofia, tais como Meio Ambiente e Educação; 2) Contribuir com o Programa de Formação Continuada de professores da rede pública estadual do Estado de Sergipe; 3) Promover o intercâmbio entre os pesquisadores que têm como objeto de estudo o pensamento de Rousseau e suas conexões, seja com as questões ambientais, seja com as preocupações educacionais contemporâneas; 4) Criar possibilidades de desenvolver projetos interinstitucionais entre as universidades e instituições representadas neste encontro, visando, sobretudo, a formação de novos especialistas nos Estados envolvidos.

Como o leitor irá notar, este volume reúne as mais expressivas conferências e comunicações, e visa apresentar um quadro do debate atual sobre a temática no Brasil. Ele está dividido em três partes: na primeira, o foco principal é Rousseau e a Natureza, em que é discutida sua estreita vinculação com a natureza nos seus mais variados sentidos; na segunda, a questão principal é Rousseau com os temas políticos e educacionais; finalmente, na terceira e última parte, a ênfase é dada ao diálogo entre Rousseau e seus intérpretes ou temas que estão na interface de Rousseau.

Este número dos *Cadernos de Ética* dedicado a Rousseau, fruto do Colóquio “Natureza e Sociedade”, justifica-se plenamente pelas discussões bastante enfáticas na atualidade, em função dos desastres ecológicos e dos problemas urbanos provocados pela intervenção do homem no meio ambiente. Ora, Rousseau já advertia seu leitor sobre isso, em pleno século XVIII, sobre as consequências terríveis sofridas pela humanidade por seu afastamento da natureza, bem como por seus esforços equivocados de tentar moldar o mundo natural de acordo com sua vontade, expondo-se a graves riscos.

Enfim, partir de Rousseau para pensar as questões contemporâneas, o binômio “Natureza e Sociedade” também podem proporcionar ao leitor abertura para uma ampla série

de problemáticas, em seus aspectos históricos, políticos, pedagógicos, estéticos e autobiográficos. Esperamos que o leitor possa se identificar com este volume e que encontre aqui inspiração para suas inquietações filosóficas em torno do pensador genebrino.

A todos os colegas que contribuíram para a organização deste número especial dos *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, o nosso profundo agradecimento.